





# *INTERFERÊNCIAS*



# ***INTERFERÊNCIAS***

**Adriám Mosquera Paços**

Adriám Mosquera Paços “Senlheiro” (1985, Bugalhão, Ames)  
é um preso independentista galego que se encontra privado de  
liberdade desde o 7 de janeiro de 2013.

Transferências

1ª edição, xunho 2016

[cadernosnlheiro.blogspot.com.es](http://cadernosnlheiro.blogspot.com.es)

Autor: Adriám Mosquera Paços

Portada: Azulejo de Adriám Mosquera Paços

Depósito Legal: C 986-2016

*“-Feitos? Feitos sonlle todos, tantos os que pasan fora dun como os que pasan dentro dun. O que pasou, pasou. E arestora xa ren queda do que pasou fora dun, senón dentro dun. Agora todo está dentro de min, e si non me peta de me baleirar do que teño dentro, pois o que pasou queda como si non tivera pasado.”*

EDUARDO BLANCO AMOR - *A Esmorga*

*“As palabra constitue a droga mais potente que inventou a humanidade”*

RUDYARD KIPLING



# *Distância*



*I*

Escoito os laios dos caminhos  
nos miolos  
umha cunca com a sede dentro

A quantos km/h se perdem os adeuses?

Cae  
a tarde  
e diluem-se

A Avoa ficou soa  
a vender grelos e mel às beiras da N-550.

## II

(O relóxo-ruleta e nós)

Às aforas do labirinto  
as garras das silvas tecérom-se nas pedras,  
só o crânio descoberto sobre o mármore  
e nom foi a formiga pequena que sai da boca da avoa:  
a Morte sodes vós.

e todos os adeuses que nos unem,  
resumidos na inicial gravada num tronco da plantaçom.

Quase se escoita a distância

Mas ninguém sabe  
mais alá da interferência onde nos queremos.

### III

Aqueciam os resouplos do dominó  
tatarexando cos teus dedos calvos no mármore,  
de trás da cozinha, quitavas as lentes cansas  
mentres a luz che fundia os anos intermitentes  
e esse neno piava por umha partida mais no seu único Paço,  
tam fráxil.

Também em Outono, o moroso perseguido,  
andavas quedo até que fôrom comas,  
aló nas fragas brandas que se voltárom lápidas  
foi-se o sol polas guerras e ti esquecia-las para mim.  
Que fazer sem o bímbo protector  
sem as tuas enrugadas acostumadas à pedra mansa,  
se sentava no banco e aprendia a contar gatos negros,  
voltarei a sublinhar-te ainda que nom aparezas na lista  
porque prossegue o ritmo e sei que ainda argalhas  
trampas  
na taberna.

## IV

as cadeias e a carne

nom precisamos de osos  
com estes olhos quase planos polos límites  
só se estende o orvalho

e se nos come a mentira  
será que temos os estomagos cheios de memória  
tanta  
que se congelou o outono

viches as casas chorando seguido?  
tenhem o solpor gravado

precisamos encher todas as gretas  
da Sávia soterra

## V

### Ferves no valeiro

como os chanzos do	a
escu que se confunde	c
m	a
ao tentar	n
agarrar	t
as	i
tiras	l
extendidas	a
de	d
pegadas.	o,

(O monolito dum adeus feito papaventos)

***Menceres tortos***



# I

(2004 cara atrás: o Sonho arrincado numha rua podre)

Grolo:

Vivimos em burbulhas de gelatina

Enfrontados contra os chanzos inclinados

Recordo é umha rápida Vasoira velha

Todo isso que se dilue no ar

Um rego que desfai os Cala-frios

Coador:

A Dictadura das linhas calculadas

Crias nas Emoções Fortes (marca registada)?

Juntos apagamos as arelas

Da-me o teu Segredo-Ronquido

Néboa líquida:

A Fugida é Fonte

Deixaches umha lâmpada rota

Sumidoiros construídos para vomitar-te

Rotondas

Todas as ruas juntas nom podem abrir-se de pernas  
quando passas

Caeu a Estrela do teto

Outra vez os paxaros para mim só, e refúgio-me  
Cum pelizco desfago a tua sombra  
Reconhecer-te:  
Todo um mundo em escasos metros quadrados de cemento  
E ti querias fechar-me nele?  
Somos Valor-Diminuido  
Baixo os garavatos de arámio e bridas  
Pegadas difusas, tortas, apagadas  
Ogalhá existisse o Faro...  
Buscamos a Fecundidade do mar e a morte do vento  
ennegrecido  
Flores de Namorar:  
As folhas estalando ao correr polo Bosque dos Espelhos  
Precisavamos Tinta láctea Contos salgados  
Trampas dos ratos que se nos esquecem nalgum recuncho  
do corpo  
Os cadelos engolindo o Céu  
Lembra as pixeles do noso medo  
Perguntas de lama  
Pele de galinha entre os edificios  
Amortiguavas os mencedes

## II

Esvarar, e caer dumha suma  
sem que a sombra me vaia comendo polos pés,  
e ficar coa glucosa em zero coas bágoas injectadas,  
como as agulhas de relógio que cravavas nas asas e agora  
quase farto das saídas de emergência dos calendários  
como um iceberg deambulando cara o trópico mais  
adentro.

Onde nos vimos  
nom havia nem beleza de cartom  
tanta epilepsia na paisagem de farúmio, tanto dentrífico .

Nom vamos ser  
arqueólogas de nós mesmas,

mas buscaria-te,  
como umha cascuda famenta a escuridade,  
como um turista do medo bêbedo,

onde nom nos borrassem os flashes

### III

( *Vê-se o céu tam pequeno...*)

O mencer amarra hoje aos beijos  
todas estas fechaduras impossíveis (diria: “ em troca, as  
chaves som infinitas!”-),  
e, tras a espessura das instalaçõs -fábricas de ódio-  
prepara os abortos  
das sementes soltas da lua  
-tic-tac que apreixa os latidos-.

Diria: “ao caminhar,  
cada pegada é  
um incêndio de brétemas,  
um reto  
a esta chuvia que nos cala”

se o Mundo nom tivesse Muros nem sumidoiros do arco  
da velha  
e o espaço em branco nom nos borrassse os Outeiros.

Falar é morder-se os dedos

## IV

cada celda é um poro nosso  
é um iris coberto de lama  
umha eclipse de plástico  
-vives tranquila?  
e pos-te a ferver contos  
com os bonecos despeluxados na pota  
e um suspiro de quilómetro arredor da tumba  
e fuges do minuto da engranagem  
e o teu jersey leva um quarto escuro etiquetado  
É o lento fluir do Sol  
manipulado polos números  
a fórmula cravada  
-doe?

Temos as ondas baixo castigo  
o cheiro guia os alentos e desfam-se no Mar  
os espelhos multiplicam a mentira (Mar é Mentira) (Ti és  
mentira)  
(som mentira porque están loucos).

# *Olhos de inverno*



## I

O seu era um ranhacéus de cisco e vermes,  
aquela escada de esperas,  
umha cisterna  
que era a chúvia derradeira dos dias.

Ás vezes,  
cabalgava as néboas  
abaneando o final dos caminhos  
e agromavam flores para cada orquestra,  
umha utopia de beijos caindo sobre a idade  
e os graus.

Chamaro-no príncipe das carantonhas, mas era soldado  
que desfilava polos buracos e as noites das palavras.

O seu era o rosto rosado e a espalda  
aterecendo,  
era um baile simpático e sinistro, eram orgias  
entre sombras e ánsias,  
um andámio enferruxado que emerge no mundo e tropeza.

## *II*

O ghato olha-me fixamente  
Ao fondo dos seus olhos as canicas som lagoas entumecidas  
é ai onde te aguardarei

e nom será para sempre  
mas será um astro enrevesado polas teas de aranha  
e as poucas ganhas de seguir a órbita

esquecerá-lo todo  
na paréntese busquei-te  
como é que estás tam longe?

os teus gemidos som interrogantes retorcendo-se

*III*

Descalça-te

## *IV*

Quero subir ao telhado  
e beber mais do horizonte aberto

Tes água para mim  
ou nom  
ou só tes fechaduras

calar a boca e balancear-me nos teus olhos

- Estamos mais vivos que o rio.
- Por isso sempre buscamos.
- Penso que porque chegamos tarde.

O teu sorriso é um maldito cruzigrama

V

Os contos ressoam nos ouvidos  
tinhamos asas impregnadas de céu  
e nom sabiamos por onde sair

podia ser hoje o final

e nom sabemos por onde sair

(na parede inscrito): “é triste a noite sem tu”

ascensores da tortura

e cava-ches até tam adentro  
que som mais ocos os meus olhos de inverno

“vomito sangue”

Ele queria sair vivo da Jaula  
nenos asustado ao serviço das olheiras

“Somos lixo que se revolve até as fábricas.”

## VI

deixaches o lombo na leira  
e agora quem vai vir recolhê-lo  
quem virá

e agora  
a erva crece a pesar de todo

Este libro foi escrito no 2012

em Quistiláns,

Ames

Galiza